



Como o ex-presidente Juscelino Kubitscheki, o estadista ousado e realizador, uma de suas grandes influências, Fernando Henrique Cardoso promete um estilo próprio de governar e em seu programa para comandar a Nação a burocracia não deverá ser empecilho



José Paulo Lacerda/AE

Em 82, sagração como príncipe dos sociólogos

Depois do exílio, mansamente Fernando Henrique lapida seu perfil pluralista

No primeiro semestre de 1968, a convite de Alain Touraine, Fernando Henrique se muda para a França e se torna professor na Universidade de Paris X, em Nanterre, epicentro das agitações estudantis. Entre seus alunos regulares está Daniel Cohn-Bendit, o líder do movimento de Maio de 68, de que Fernando Henrique será um espectador privilegiado.

Está ao lado de Hildebrando, saindo do Teatro Gérard Philippe onde tinham assistido *O Rei da Vela* e caminham para uma pizzeria em Montparnasse, quando vêem um grupo de jovens arrancando paralelepípedos do boulevard. Pela primeira vez, Fernando Henrique se dá conta de algo muito diferente está acontecendo em Paris.

A cidade se torna, a partir daí, uma referência obrigatória. Seus livros começam a ser traduzidos em Paris e ele se torna-se amigo pessoal do futuro primeiro ministro Michel Rocard. Em 85, funciona como o principal articulador de um encontro entre o presidente eleito, Tancredo Neves, e François Mitterrand. A pompa da intelectualidade francesa não intimida nosso "príncipe": tornou-se famoso o bate-boca público que teve em Paris com Régis Débray, o ex-companheiro de Che Guevara, em que Fernando Henrique não perdeu a chance de responsabilizar Débray — para mal-estar de algumas testemunhas — pela morte de muitos jovens latino-americanos. Mansamente, continua a lapidar seu perfil pluralista: com a mesma paciência debate com Jacques Mitterrand, primo do socialista François, sobre a idéia — não consumada — de entrar para a Maçonaria e, com o mesmo ímpeto, engalfinha-se em árduas polêmicas com Herbert Marcuse, o grande guru do 68 francês, a respeito da "teoria dos guetos", com a qual o autor de *Eros e Civilização* pretendia roer a ordem capitalista.

Volta ao Brasil decidido a obter a cátedra de Ciências Políticas na USP

onde, de 53 a 64, militara no Conselho Universitário como representante dos assistentes. Consegue a vaga, mas, para seu azar, a conquista é atropelada pelo Ato Institucional nº 5. Começa a dar aulas em março, em abril recebe "aposentadoria compulsória". Decide, dessa vez, ficar no País. "Já fiz meu exílio, não vou me exilar de novo", diz aos amigos.

Sem alternativas na área oficial, lidera um grupo de intelectuais de esquerda que decide fundar uma espécie de "universidade independente": o Cebrap, o Centro Brasileiro de Análise e de Planejamento. Começa a dar provas, aqui, de sua vocação para regente de contradições. Monta o Cebrap a partir de uma paciente alquimia com que consegue combi-

nar, dentro de uma mesma instituição, homens de espírito tão díspares quanto Octávio Ianni, um sociólogo de formação empírica preocupado com as descrições do mundo concreto, e José Arthur Giannotti, pensador rigoroso com-

NO CEBRAP
MOSTROU QUE
SABE REGER
CONTRADIÇÕES

prometido com as exigências lógicas e a abstração radical. Nem sucessivas crises ao longo dos difíceis anos 70 enfraquecem a instituição. Numa delas, um grupo minoritário liderado por José Álvaro Moisés se afasta para fundar o Cedec. Mais tarde, Bolívar Lamounier toma a decisão isolada de também abandonar o Cebrap e cria o Idesp. Fernando Henrique não se abala com as cisões. Aos colegas mais inquietos, diz: "É bom que saiam. É bom que haja muitos Cebraps, bom que a coisa de multiplique".

De 1972 a 77, torna-se colaborador assíduo do semanário *Opinião*, de Fernando Gasparian. Aumenta seu prestígio no Exterior: dá aulas no Institute for Advanced Studies, em Princeton, EUA, ocupa por um ano uma vaga em Cambridge, Inglaterra, e em 81 se torna professor-visitante na Universidade de Berkeley, na Califórnia. No mesmo ano, dá sua aula inaugural no Collège de France e, para espanto de uma platéia radical tomada por fúria antimilitar, pauta seu discurso pelo tema da conciliação. Em 82, por fim, é eleito presidente da Associação Internacional de Sociologia, em Amsterdã. O "príncipe" se consagra. (J.C.)